

Talvez
desta vez

JÚLIA NUNES

Talvez desta vez



ELOHIM

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2026

Copyright © Júlia Nunes, 2026

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

REVISÃO

Anna Paula Delgado

CAPA

Décio Gomes

ILUSTRAÇÃO CAPA

Sofia Gomes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nunes, Júlia

Talvez desta vez / Júlia Nunes — 1ª edição — São Paulo:

Coerência, 2026

ISBN: 978-85-5327-332-4

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título



Centro Empresarial Jaguari
Av. Marcelo Stefani, 15 - Módulo 47
Bragança Paulista - SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br

Para você que se encontra em um “lugar improvável”:
que esta história te lembre que o silêncio é essencial para
ouvir a voz de Deus acima de qualquer ruído externo.

Os personagens, lugares e acontecimentos descritos nesta obra
são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança
com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Playlist

A leitura fica muito melhor com uma boa música! Procure por “Talvez desta vez” no Spotify ou aponte a câmera do celular para o código abaixo para curtir a playlist oficial do livro.



God & Country — Anne Wilson

My Jesus — Anne Wilson

Sunday Sermons — Anne Wilson

Dear Rodeo — Cody Johnson

Stars — Anne Wilson

Forever After All — Luke Combs

One Number Away — Luke Combs

God's Country — Blake Shelton

You'll Always Find Your Way Back Home — Hannah Montana

Prayed For You — Matt Stell

Money Can't Buy — Cochren & Co.

Outskirts of Heaven — Craig Campbell

Backup Plan (feat. Luke Combs) — Bailey Zimmerman, Luke Combs

Burn The Ships — KING & COUNTRY

God Only Knows (with Dolly Parton) — KING & COUNTRY, Dolly Parton

King of Love — I AM THEY

Ever Be — Aaron Shust

Far Country — Ellie Holcomb

Burn — Rend Collective

If It Was Up To Me — Ben Fuller, Carrie Underwood

Turn — Ben Fuller

I Made It — CAIN

Turn It To Praise — Seph Schlueter

Fight Of My Life — Rend Collective

Better Me For You (Brown Eyes) — Maz McNown

God Story — Anne Wilson

‘Til You Can’t — Cody Johnson

Running Back To You — Seph Schlueter

Somebody Like You — Keith Urban

The Climb — Miley Cyrus

Beautiful As You — Thomas Rhett

In Case You Didn’t Know — Brett Young

Thank God — Kane Brown, Katelyn Brown

Nota da autora

Olá,

Essa história é uma comédia romântica cristã que retrata personagens marcados por erros e acertos. Eles não são um exemplo de perfeição, mas reflexos da vida real com dúvidas, falhas, sentimentos intensos e escolhas que nem sempre foram as melhores.

Boa leitura!



Prefácio

A jornada da vida é um grande mistério — e, para Zara e Joseph, nunca foi diferente. O que um dia foi um relacionamento marcado por erros e desencontros, hoje se transforma em uma fortaleza construída com fé, dor, recomeços e a graça de Deus.

Entre quedas e decisões que mudam tudo, eles são conduzidos de volta ao lugar onde sempre deveriam estar: mais perto d’Ele... e, finalmente, um do outro.

Neste romance, você não apenas acompanha uma história de amor — você sente cada passo dessa segunda chance que eles escolhem viver. Uma entrega profunda, bonita e verdadeira, especialmente de quem passou tanto tempo acreditando que viver era apenas cumprir metas, ignorando o vazio que crescia em silêncio.

Prepare o coração. Esta é uma história que confronta, toca e transforma. Porque, no fim, quando pensamos ter o controle de tudo, Deus, com Sua infinita sabedoria, nos mostra que Seus planos são sempre — e inegavelmente — melhores.

Com carinho, *Luana Karine*

Autora de *Entre Maresias*, *Orações e Confissões Amorosas*



Prólogo

Zara Winslow

3 ANOS ANTES

EU NUNCA MAIS VERIA AQUELE COWBOY BONITO DE NOVO.

— Zara sobe no palco em quinze minutos. — Um dos organizadores se aproximou de Emma, minha assessora, no corredor.

— Obrigada — assentiu, devagar.

Emma estava impecável como sempre. Os cabelos loiros cacheados estavam presos em um rabo de cavalo alto, a maquiagem bem feita deixava seus olhos verdes ainda mais brilhantes. Ela me olhava com o semblante carregado de expectativas, talvez porque estivesse tão ansiosa quanto eu para o que aconteceria ali em poucos minutos.

Entramos no camarim para conferir a minha maquiagem pela última vez. O lugar tinha um cheiro fresco, uma mistura de desinfetante com alguma essência de bambu. As paredes pretas cobertas por espelhos refletiam a nossa imagem desde o momento que abrimos a porta. O espaço era pequeno, com uma penteadeira iluminada, duas poltronas acolchoadas, frigobar e uma mesa com algumas opções de entrada. O suficiente para nos deixar confortáveis até a apresentação.

— Vou conferir se está tudo certo com a banda e volto para te buscar.

A porta se fechou e eu analisei meu figurino através do espelho. A calça de franjas, a blusa de botões, as botas texanas e o chapéu evidenciavam o estilo country que eu sempre amei. Minha mãe contava que desde pequena eu não abria mão das botas e do chapéu para andar pelo terreno da nossa antiga fazenda em Hickory, na Carolina do Norte. Um lugar que, apesar de ter ficado para trás, ainda permanecia vivo na minha memória.

Passei as mãos pelos cabelos escuros, ajeitando os cachos perfeitos do babyliss.

As pernas tremiam levemente e as mãos suavam. Era a primeira vez que eu cantaria no *Cowtown Coliseum*, uma arena em Fort Worth, no Texas, que sediava rodeios semanais. O convite foi inesperado, não era comum cantores gospel se apresentarem nesses eventos, contudo, talvez pela minha representatividade country e por residir na cidade, pensaram que se encaixaria.

Orei muito ao Senhor buscando direção. Queria saber se estaria fazendo a coisa certa aceitando o convite. Em determinado momento, senti muito forte em meu coração que precisava ir. Por obediência, não cobrei cachê, já que estava indo cumprir o propósito maior. Eu não fazia ideia do que Ele faria ali através das minhas músicas, ainda assim, eu respondi com o “eis-me aqui”.

Respirei fundo, eu precisava orar antes de subir no palco.

— Senhor, usa-me para que as pessoas sintam a tua presença através das canções — sussurrei, os olhos fechados — A glória de tudo isso é tua, Pai.

Peguei uma garrafa de água no frigobar e dei um gole. O líquido gelado desceu rasgando a minha garganta.

— Hora de ir, princesinha. — Emma abriu a porta poucos minutos depois com um sorriso largo.

— Estou nervosa. — Estendi as mãos e caminhei até ela.

— Pois eu também ficaria, tem cerca de quatro mil pessoas na arena — respondeu animada e me abraçou de lado.

— Se você achou que dizer isso me deixaria mais calma, saiba que só piorou a situação. — Franzi o cenho, fazendo uma careta divertida.

— Relaxa, amiga, vai ser lindo. — Segurou minha mão, acariciando-a devagar — O Senhor não te trouxe aqui à toa.

Ah, Emma, o que seria de mim sem o seu apoio?

Nos conhecemos no jardim de infância e terminamos o colegial juntas, em Hickory. Quando eu e minha mãe nos mudamos para Fort Worth, acreditei que nossa amizade acabaria por causa da distância, mas não foi o que aconteceu. Eu precisava de ajuda para cuidar da minha agenda de shows e pensei nela logo de imediato. Minha amiga era desenrolada, resolvia os problemas rapidamente e sabia como ninguém trabalhar com prazos. A garota topou antes mesmo de eu falar que não conseguiria pagar um salário gordo no início. Por mamãe passar vários meses fora devido às viagens missionárias, Emma foi morar conosco, assim, eu não ficava sozinha quando voltava para casa depois das apresentações.

Chegamos à lateral do palco. A produção me entregou o microfone e colocaram o retorno de ouvido. Suspirei, pressionando as unhas contra as palmas das mãos. Gesto doloroso que aprendi para desviar o foco da tensão que tomava conta do meu peito.

De repente, escutei a voz do locutor dando alguns recados e, em seguida, ele começou a anunciar o primeiro show:

— Com vocês, a atração que abrirá a noite do campeonato. Uma cantora que tem sido um sucesso nas rádios de todo o país, a cantora country cristã Zara Winslow!

Palmas tímidas ecoaram pela arena, seguida por conversas paralelas. Bem... a recepção que eu temia. Fechei os olhos por alguns segundos, engolindo seco. A iluminação colorida do espaço e as arquibancadas lotadas embaçaram minha visão assim que pisei no palco.

— Boa noite, Fort Worth! — Reuni toda a coragem dentro de mim para manter a voz firme e animada.

A minha presença não parecia fazer diferença para a plateia que continuava dispersa. Ainda que muitos não prestassem atenção, eu sentia no fundo que havia alguém, nem que fosse apenas um, que pararia para ouvir.

A melodia tomou conta da arena e as primeiras notas saíram da minha boca. A multidão, que antes parecia não se importar, se aquietou. Alguns cantaram juntos, para a minha surpresa; outros ergueram as mãos. Havia pessoas rendidas enquanto as canções eram ministradas. As letras falavam de voltar para casa, de Deus não exigir perfeição.

Emma me olhava na lateral do palco, fazendo um joinha para me incentivar a continuar.

Meu peito se encheu de gratidão. Vidas estavam sendo tocadas naquele lugar. Senti os olhos marejarem vendo a cena. A apresentação durou apenas trinta minutos, o suficiente para lançar a semente. Terminei com uma oração, a voz embargada.

Desci direto para o corredor de serviço mal iluminado, precisava de um pouco de silêncio para escapar do barulho súbito do locutor que já voltava a anunciar as demais atrações. Eu não ficaria no evento, estava pronta para ir embora. Minha assessoria já me esperava e seguiu à minha frente.

No recuo do corredor, mesmo com a pouca visibilidade, percebi que havia um homem sentado sobre um caixote de equipamentos, longe de toda a euforia, com a cabeça baixa entre as mãos. Talvez estivesse cansado e precisasse de alguns minutos naquele lugar mais silencioso para se recuperar da agitação. No entanto, o som das minhas botas ecoando no piso improvisado de madeira o fez levantar o rosto devagar.

Eu o observei de esguelha enquanto caminhava.

— As mensagens das suas músicas são lindas — ele falou, a voz mansa ecoando. — Faz a gente parar e refletir.

Parei, surpresa pela sinceridade das suas palavras.

— Obrigada, é muito bom saber disso. — Sorri cordial.

Ele se levantou devagar, hesitante, e caminhou até mim.

— Eu precisava ouvir — admitiu, com o olhar perdido.

Mesmo com as botas de salto, tive que erguer o rosto para sustentar o seu olhar. O homem era realmente alto, os braços fortes cobertos por

uma camisa jeans de botões, os fios de cabelo bagunçado devido ao chapéu que repousava em uma de suas mãos e uma postura que marcava presença fácil aonde chegava.

Seria inútil negar o quanto o cowboy era bonito. O número de qualquer garota. Mas garotas cristãs não caem em papinhos só por causa da beleza, não é?

— Fico feliz de ouvir isso, foi com essa missão que o Senhor me enviou aqui essa noite.

O homem sorriu de lado, um gesto tímido.

— Joseph Miller, muito prazer. — Estendeu a mão.

— Zara Winslow, mas, bem... Isso você já sabe. — Brinquei, apertando de volta.

— Muito obrigado por hoje, Zara. — Curvou os lábios em um sorriso discreto.

— Agradeça a Deus, Joseph.

O cowboy assentiu devagar, virou as costas e se afastou, desaparecendo pelo corredor.

Suspirei, digerindo as suas palavras que ecoavam na minha mente. Não fazia ideia do motivo pelo qual ele precisava ter ouvido as músicas. Talvez estivesse passando por um momento difícil ou... Não adiantava ficar criando teorias, eu não teria respostas para as minhas perguntas, já que nunca mais veria aquele cowboy de novo.



1

Lara Winslow

ATUALMENTE

HERANÇA INESPERADA E SUSPEITA DE UM DESCONHECIDO.

Entrei no quarto do hotel depois de passar as últimas dezoito horas dentro de um avião. O zumbido irritante do ar condicionado, as luzes brancas refletidas nas paredes e o cheiro dos produtos de limpeza industriais agrediram o olfato, fazendo a minha cabeça latejar de imediato. Esse era o preço que a vida nos palcos cobrava. Dormir em quartos que parecem caixas brancas se tornou a coisa mais comum da minha vida. Em período de turnê, eu nem sabia o que era dormir em casa. A agenda não me deixava ter pausa suficiente para me permitir esse luxo.

Minha equipe fazia questão de reservar os melhores hotéis. Primeiro, por segurança; segundo, porque queriam me proporcionar um espaço confortável. Um cuidado que, para eles, era indispensável, mas, na realidade, só me forçava a me enxergar como um produto valioso que precisava desses upgrades para não me deixar esquecer o peso da fama.

Enquanto eles se preocupavam com isso, eu só queria me sentir menos sozinha. Nos palcos, eu estava rodeada de fãs. Nas redes sociais, os números de seguidores passavam de dois milhões. Ainda assim, essas coisas não eram suficientes para me sentir acolhida quando as luzes se apagavam e só restava eu comigo mesma. Apesar de ter Emma ao meu lado em todos os momentos, sendo uma amiga e assessora incrível, e doando seu colo

quando me sentia vulnerável, eu não podia negar que existia um buraco enorme que permanecia aberto dentro de mim. Essa falta tinha nome e sobrenome: Stella Foster, minha mãe.

Eu queria tê-la por perto nem que fosse através de mensagens de textos, ligações ou, melhor ainda, quando aparecia de surpresa em casa depois de longos meses viajando, mas isso não era mais possível. Mamãe faleceu há quatro anos enquanto estava na África. A saudade era enorme, e parecia triplicar de tamanho quando eu ficava sozinha no vazio do quarto do hotel, encarando o teto e esperando o corpo ser vencido pelo sono, porque quanto ela estava viva, eram nesses momentos que conversávamos. Mesmo que o fuso horário da cidade em que eu estava fosse completamente diferente da dela, isso não tinha a menor importância. Minha mãe fazia questão de permanecer acordada, me esperando para termos um tempo juntas.

Ainda abro sua última mensagem todos os dias, na esperança de receber alguma notificação, mas o que mais dói, é lembrar que conversamos na madrugada do dia da sua morte, sem jamais imaginarmos que seria o nosso último contato. Os planos para aquela noite eram claros: ela retornaria para Fort Worth em um mês e sairíamos de férias. O sonho dela era presenciar a aurora boreal, e eu havia prometido levá-la para ver o espetáculo das luzes. Eu tinha dois anos de carreira na época, no auge dos meus dezoito anos, e mesmo não ganhando tanto dinheiro ainda, comprei as passagens e fiz as reservas do hotel para surpreendê-la. Não via a hora desse dia chegar. Mas quando chegou, eu não tive coragem de ir conhecer sozinha, porque, de alguma forma, sentia que não era justo fazer aquilo sem a pessoa que mais sonhou com aquele momento.

O celular vibrou no bolso da calça quando ameacei me jogar na cama. O visor revelou um número desconhecido no meu contato pessoal.

Franzi o cenho.

Difícilmente recebia ligações de números que não conhecia, normalmente eles vão para o celular de Emma. Aquilo me deixou intrigada. Quem mais teria acesso a mim tão diretamente assim?

Analisei a numeração que aparecia na tela e algo me soou familiar. O código de área telefônico era 828, o mesmo que o meu; era de Hickory ou de alguma cidade nos arredores. Quem daquela cidade entraria em contato comigo, e por qual motivo?

Ficar procurando respostas na minha cabeça não ia resolver, eu precisaria atender e finalmente descobrir do que se tratava.

— Srta. Foster? — uma voz firme masculina ecoou do outro lado.

Um calafrio percorreu a minha espinha. Foster? Não me lembrava da última vez que ouvi alguém me chamar pelo meu sobrenome de batismo. Ainda mais pela popularização do Winslow, para reconhecimento artístico, poucas pessoas se lembravam que aquele era o meu verdadeiro sobrenome.

Engoli seco, reunindo coragem para responder.

— Sim, quem gostaria?

— Quem fala é o Dr. William Jones, sou o advogado da família Scott. O Sr. James Scott faleceu na semana passada devido a um câncer de pulmão.

Família Scott? James?

Por algum motivo esses nomes não me soavam totalmente estranhos, ainda assim, não soube reconhecer o motivo de imediato.

— Deve ter ocorrido algum engano, Dr. Jones, não me recordo de conhecer essas pessoas.

— James é o atual proprietário da Fazenda Foster, comprada de Stella Foster — explicou pausadamente. O coração disparou pela simples menção do lugar em que vivi até a adolescência, ao mesmo tempo em que minha cabeça foi bombardeada por inúmeros pontos de interrogação. — Você deve estar um pouco confusa com a minha ligação, mas o motivo é que o testamento da família será aberto no meu escritório, em Hickory, daqui a duas semanas, e o seu nome foi citado.

O ar pareceu faltar nos pulmões por alguns segundos e eu precisei apoiar a mão na parede para não me desequilibrar. Testamento?

— Por que eu fui citada no testamento de uma família que eu nem conheço? A fazenda foi vendida há seis anos e minha mãe nunca me falou nada sobre isso — questioneei, sentindo o suor escorrer pela nuca.

Escutei o som de papéis sendo manuseados por ele enquanto eu direcionava o olhar para o céu através da abertura da janela. A única coisa que sabia sobre James era que ele e a esposa se tornaram amigos de mamãe depois de visitarem a igreja em Hickory. Não me recordava de tê-los conhecido pessoalmente, apenas através das fotografias que ficavam nos nossos álbuns.

— Entendo seus questionamentos, mas não posso te dar mais detalhes no momento. Apenas preciso que esteja presente para entender melhor essa situação. — Ele fez uma pausa — Vou te enviar por mensagem as informações do dia, horário e endereço para que compareça.

Respirei fundo. Eu voltaria àquela cidade depois de seis anos. Um sentimento de nostalgia invadiu meu peito. Os anos vividos naquele lugar foram tão alegres, recheados de memórias, mas como seria encará-lo agora em que o sobrenome Foster parecia não ter mais voz dentro de mim? Como seria chegar lá e talvez perceber que a cidade tinha ficado grande demais para a vida que eu construí longe dela?

— Tudo bem, eu aguardo. Obrigada.

A chamada foi encerrada e eu me sentei na beirada da cama com o aparelho entre as mãos, tentando entender o que aquela conversa significava. A Fazenda Foster foi vendida quando eu tinha dezesseis anos. Me lembro que não estava feliz com essa decisão da minha mãe, porque mesmo sabendo que o dinheiro seria destinado para custear suas despesas nas viagens missionárias, aquele lugar fazia parte da minha vida. Saber que o perderíamos, trocando um lugar que nos permitia respirar ar puro, montar a cavalo, plantar o que quiséssemos, para morar em uma casa com um terreiro minúsculo e rodeada por outras construções no centro da cidade de Fort Worth, me deixava profundamente irritada. A escolha dessa nova cidade para morarmos era porque, segundo mamãe, ela era bem mais desenvolvida. E como eu tinha acabado de ser descoberta por um empresário para seguir a carreira na música, o estilo de vida country do Texas viria a calhar.

A fazenda era a herança dos meus avós, e por mais que minha mãe quisesse vender a propriedade, eu sabia o quanto ela amava tudo aquilo. Quando

fomos embora, não a vi derramar uma lágrima sequer de tristeza por aquele lugar ter ficado para trás. Na época, não estranhei o gesto, mamãe sempre quis parecer durona, inabalável. Porém, diante dessa notícia do testamento, só pode ter existido alguma negociação diferenciada por trás da venda. Mas o quê exatamente? Porque o comprador podia ser o amigo mais bondoso do mundo, mas chegar ao ponto de citar meu nome no testamento?

Dois toques na porta me tiraram dos meus pensamentos.

— Zara, posso entrar? — Emma anunciou.

Caminhei até ela e girei a maçaneta.

— Você viu isso? — Me olhou, o rosto amassado, provavelmente tinha acordado há poucos minutos.

— Isso o quê?

— Peter enviou sua agenda dos próximos meses já que a sua turnê termina essa semana. Tá uma loucura! — Gesticulou com a mão — Gravações de comerciais, sessões de fotos para capas de revistas, aparições em programas de TV... Tudo isso além dos shows fechados em eventos, é claro.

Endireitei a postura e coloquei as mãos na cintura. Meu empresário tinha um talento para me levar à loucura: surgia com um compromisso diferente a cada dia. O objetivo era manter os ouvintes mensais em alta e alcançar novos públicos, prendendo-me em um ciclo constante de estratégias de marketing para não me deixar sair do topo. Tudo girava em torno disso.

Era incrível ser reconhecida internacionalmente com seis anos de carreira, porém, a fama exigia que eu estivesse impecável em cem por cento do tempo para atender aos muitos compromissos que surgiam em lugares distantes um do outro, me forçando a ter noites mal dormidas. Ainda assim, precisava estar sorridente o tempo todo, mesmo que por dentro eu estivesse exausta, com uma enxaqueca absurda martelando a minha cabeça.

É claro que não existia só a parte cansativa, tinha o lado bom de conhecer novos lugares, receber o carinho dos fãs, ver os estádios lotados, a sua música tocando nas rádios, o número de seguidores nas redes sociais aumentando...

Mas tudo isso só existia porque eu escolhia todos os dias pagar o preço de levar a presença do Senhor por onde eu fosse, independente das circunstâncias.

— Espero continuar viva para cumprir todos esses compromissos — murmurei e cruzei os braços — Aliás, preciso viajar para Hickory em duas semanas. Assim que souber o dia e horário certinhos, te aviso para você providenciar as passagens, por favor.

Ela franziu o cenho.

— Hickory? O que vai fazer lá?

Forcei uma risada pelo nariz.

— Eu não sei direito, mas fui intimada a comparecer na cidade para algo relacionado à Fazenda Foster.

— Quer que eu vá com você? — Se ofereceu, sorrindo.

— Só se quiser visitar seus pais... Aquela cidade é pequena demais, não acho que terei problemas com paparazzi ou algo do tipo.

Ela ficou pensativa por alguns segundos.

— Tudo bem. Se eu conseguir terminar os relatórios que a gravadora pediu antes da viagem, irei com você. Agora vá descansar, você precisa acabar com essas olheiras antes do show de amanhã. — Me empurrou para dentro do quarto e fechou a porta.

Me joguei na cama, precisava descansar nem que fosse um pouquinho, mas o sono não vinha. Peguei o celular, abrindo a pasta que eu guardava as fotos com minha mãe. Sorri involuntariamente observando a felicidade estampada em seu rosto, abraçada com uma das crianças da aldeia. O peito apertou, sentindo a saudade se intensificar. Os olhos encheram de água, me fazendo engolir seco.

— O que a senhora escondeu de mim, mamãe? — sussurrei, a voz embargada.